

CONVERSANDO COM O PIANO

ENTREVISTA COM A PROFESSORA OLGA KIUN

APRESENTAÇÃO

Olga Kiun é convidada especial da Revista Santa Cruz. É instrumentista de mão cheia que, segundo os ouvidos mais refinados, possui o curioso talento de conversar com o piano. Parece algo mágico, ou seria conversa para encantar as crianças? A partitura não é apenas um conjunto enigmático de caracteres musicais a serem decifrados e executados com precisão em determinado espaço de tempo. As notas em seu encadeamento e seqüência transmitem poesia e emoção. Podem nos infundir e despertar os mais variados matizes de sentimento e beleza. Todavia, para isso acontecer é preciso dar ao instrumento certo intervalo de paciência para que ele responda naturalmente, sem atropelo, para que declare de própria boca o que quer esculpir na alma de cada ouvinte. Então, o pianista deve sentar-se ao piano, aproximar-se da partitura e, sem forçar, deixar que as notas fluam ao seu modo, sem pressa, como os rios que correm ao mar, em respeito ao compositor e ao espírito da composição. Daí, realmente o encanto aparece, é como se o piano estivesse conversando com seu executor e este instrumento ao invés de mero engenho de sistema mecânico de percussão de cordas, torna-se um habitáculo de poesia, sonho, divagação, calor humano. O ouvinte se acomoda na poltrona para ouvir uma conversa com a música, sem briga, sem vacilação, apenas a mágica de se deixar levar. Deixemos esta pianista agora falar com espontaneidade para nos ensinar a pedagogia de envolver o ser humano e mostrar o quanto é vasta a sensibilidade do homem e aguda sua inteligência criadora no livre propósito de traduzir em versos os arabescos da partitura.

Boa leitura!



Professor José da Silveira Filho



Painel Santa Cruz – Em primeiro lugar, define quem é Olga Kiun? Como Você se vê?

Olga Kiun - Deixe primeiro respirar fundo.

Olga Kiun é uma cidadã simples, organizada e de boa conversa, que precisa ir ao supermercado fazer compras e

luta pela vida com garra e determinação, igual à maioria dos trabalhadores brasileiros. Gosto de coisas feitas com capricho, detalhe e requinte, porém um requinte simples, sem esnobismo. Gosto dos meus amigos e sinto satisfação em conhecer pessoas, fazer amizades e aprecio muito a natureza. De jeito nenhum sou carrancuda. Gosto de sorrir. Não estou rica, porém sinto-me realizada em minha profissão como professora e concertista que me permitiu conhecer diversos lugares, partes do mundo e angariar respeito e carinho de colegas e alunos. Exerço a música

com paixão, sentimento inseparável da carreira e personalidade que construí sem conseguir me ver como outra pessoa. Estou inteiramente envolvida com a música e meus alunos e também para atender pedidos de recitais e concertos que batem à porta volta e meia. Trabalho aqui em Curitiba, na Escola de Belas Artes. Ah! Antes que me esqueça, nasci em 1943, na ex-União Soviética, República do Kasaquistão, na capital Akmolinsk, mais ao centro do país, já na região da Sibéria. Meus pais eram refugiados da II Guerra que começou em 1941, quando Hitler invadiu a URSS. Mas, somente nasci lá e logo fui embora para a Moldávia, já com a guerra terminada, onde estudei piano, tendo as primeiras aulas com minha avó e mãe. Fiquei órfã de pai aos três anos e como se diz aqui no Brasil, sou aquele caso típico em que a fruta não cai longe do pé.



Painel Santa Cruz - *Você estudou piano em Moscou, uma das mecas da música erudita, somente comparável à Nova Iorque, Paris, Londres, Bonn, Roma... Enfim são cidades de tradição cultural centenária no trato com a música, autênticos berços culturais. O que Curitiba, no Sul do Brasil, uma terra tão distante, com costumes diferentes de sua origem, foi capaz de cativar em sua pessoa?*

Olga Kiun - Minha vinda para Curitiba está ligada de certa forma à política de reconstrução da União Soviética, denominada Perestroika. Esta nova política começa em 1985, quando se pôde respirar maior liberdade de expressão. Então, em 1990, recebi convite para conhecer o Brasil de um parente meu, que vivia em Curitiba,

ba, professor Samuel Crasneansky. Com estes novos tempos, pude viajar e visitá-lo. Aqui em Curitiba, entrei em contato com uma professora da Escola de Música e

Exerço a música com paixão, sentimento inseparável da carreira e personalidade que construí sem conseguir me ver como outra pessoa.

Belas Artes, professora Leila Paiva. Aí as portas começaram a se abrir a partir deste contato, pois quando estudei na União Soviética fui aluna de destaque. Era uma das melhores da Academia de Moscou, uma escola de elevado grau de exigência, reconhecida mundialmente, onde me doutorei em piano. Passei a realizar concertos em meu país natal viajando de trem por várias repúblicas e acumulei experiência de inestimável valor quando aqui cheguei. Senti que poderia construir outra vida aqui porque a política de perestroika desorganizou completamente a União Soviética e afetou principalmente a vida cultural do país, a qual eu pertencia. A União Soviética sai do comunismo e acaba repentinamente entrando no capitalismo e este período de transição foi bastante difícil, complicado, incerto e angustiante. Apareceram fatos que não estava acostumada. Em Curitiba, meu talento se impôs e recebi ajuda de muitas pessoas que queriam que eu ficasse para transmitir o que sabia. Senti que era hora de construir um novo lar.



Painel Santa Cruz - *Você emigrou para o Brasil depois da desintegração da ex União Soviética. O que o socialismo real lhe deixou saudade e o que nele lhe inspira contrariedade e pesar?*

Olga Kiun - O aspecto positivo do socialismo real foi minha educação. Isto por sinal era acessível a todas as pessoas. Qualquer um que

quisesse estudar na ex-URSS teria as melhores condições de se desenvolver em qualquer campo do conhecimento humano. Quase o mesmo acontecia com a saúde. Tínhamos médicos de gabarito e a população inteira poderia usufruir de qualquer tratamento médico com boa qualidade sem pagar um rublo. Se alguém quisesse um atendimento particular melhor, poderia pagar ao médico, contudo não havia preço. Agora, o que eu não tenho saudade é da influência política sobre o cotidiano dos cidadãos. Debussy era um compositor que não podíamos tocar. Era considerado demasiado descritivo e essa pecha fazia dele um proscrito da pedagogia musical. Havia censura em nosso pensamento e grande falsidade no relacionamento interpessoal, quase não tínhamos opinião própria. Precisávamos fazer o culto a Stalin. E mesmo após a morte de Stalin, ainda existiam os campos de concentração para os discordantes do regime. Os membros do Partido Comunista compunham uma casta privilegiada, com muitas regalias, proporcionais à posição ocupada. Havia até as lojas especiais para os funcionários do Partido. Também passei muitas horas de minha vida nas filas para comprar comida. Tínhamos dinheiro e emprego, mas era pouco o que comprar assim como a variedade das coisas. A perestroika trouxe uma abertura política, mas junto com ela apareceram os aproveitadores que enriqueceram do nada e da noite para o dia.

Painel Santa Cruz - *É inevitável quando se conversa com uma pianista não perguntar de seu compositor ou compositores favoritos. Comente um pouco sobre eles e, principalmente, sobre Rachmaninoff, que sabemos ser sua preferência.*

Olga Kiun - O meu compositor preferido é aquele que toco e estudo no momento, tentando absorver o que há de original nele, extraindo o motivo que o fez ficar para a posteridade. Cada um com sua beleza. Agora, estudo o segundo concerto de Chopin. Sou pianista profissional e aprendo a assimilar os diversos estilos de música. Por exemplo, a música alemã é quadrada, certinha, seguindo sempre a mesma forma. A música brasileira, o

samba em especial, é sincopado, criativo. Não segue o mesmo padrão. Agora estou estudando Villa Lobos e Camargo Guarnieri para concertos em Brasília e no Rio. E o meu estilo de tocar é escolher as peças ao meu alcance e energia. Veja você, o 1º. Concerto de Tchaikovsky exige muita força, volume, intensidade. É uma peça endereçada a pianistas jovens. Depois que você termina um concerto como esse, o executor está com dores nos braços, extenuado dos movimentos vigorosos que precisa fazer para dar conta das dificuldades e da grande intensidade emotiva que parece se derramar como um rio sobre o teclado.



Painel Santa Cruz - *Você já compôs alguma música? Chegou a desenvolver a paixão pela composição?*

Olga Kiun - Para que aumentar o número de peças fracas se há tantas peças geniais para serem tocadas. Tenho pensado assim e não me aproximo da partitura com lápis e borracha para rabiscar notas. Sou realmente uma executante e me delicio com o desafio de outros compositores a serem tocados. Minhas maiores criações artísticas são minhas duas filhas. Nada mais belo do que a expressão da vida humana. Somente me sinto consternada por que aqui no Brasil ainda há pouco espaço para a música erudita. Em São Paulo, há uma

Nada mais belo do que a expressão da vida humana.

rádio que toca 24 horas de música erudita. Este papel era cumprido aqui pela rádio educativa que agora toca bem pouca música erudita. Somente uma vez por semana com programação erudita. Deveria haver um equilíbrio maior entre o popular e o erudito como é na Europa. No Bra-

sil é 99% de música popular e as salas raramente estão lotadas, sempre se vê poltronas vagas na platéia, aqueles ocos horríveis. Isto causa certo pesar haja vista a beleza da arquitetura presente na música erudita.

Painel Santa Cruz – Você aprecia a música popular brasileira? O que lhe chama a atenção principalmente no samba? Os ponteiros de Camargo Guarnieri. Peça curtas, tipo prelúdios. Jeito de tocar violas caipiras.

Olga Kiun - Gosto do ritmo de samba, é alegre. Não é quadrado, é assimétrico. Se muitas vezes as letras de música brasileira são trágicas, porém é um trágico que se torna alegre, eu vejo isto como uma forma de autodefesa do povo. Não adianta chorar, o melhor é enfrentar a vida, apesar dos sacrifícios. É melhor enfrentar com alegria e sorriso nos lábios do que tristeza. Daí não se chega a lugar nenhum. A gente fica deprimido e este sentimento atrapalha mais ainda. Mas, sem dúvida, o povo brasileiro é mais sorridente também pelo clima ensolarado, a praia, o calor. Estes aspectos geográficos ajudam o povo a ser mais alegre, de boa vontade uns para com os outros. Este bom humor aparece na música. Como venho de um país de clima temperado, quando chega o inverno, o desejo das pessoas é chegar o mais rápido possível em casa, há toneladas de neve se derramando do céu. As pessoas andam rápido, de cara fechada, nem se olham, loucas para se esconder do frio buscando o aconchego de casa.

Painel Santa Cruz – Você chegou a conhecer algum pianista brasileiro de renome enquanto ainda estudava na ex-União Soviética?

Olga Kiun - O pianista brasileiro que conheci se chama Nelson Freire. Ele me impressionou de forma inolvidável, dado a naturalidade como toca. A música flui de dentro dele como se estivesse respirando. É quase como se respirar e tocar fosse a mesma coisa. Lembrei até de Luciano Pavarotti, que abre a boca e as notas vão se projetando no ar, a música parece brotar da

boca, como se ali tivesse nascido. Muito poucos pianistas chegam neste estágio e é muito bom assimilar a naturalidade de tocar. O registro das notas está enraizado no cérebro e é como se o pianista quase soubesse a próxima nota e suas seqüências sem necessitar da partitura para ler. Mostra que a música deve ser como as águas que descem montanha abaixo.



Painel Santa Cruz - Como você percebe o futuro de sua terra natal, a Rússia?

Olga Kiun – Esta pergunta é complicadíssima de responder. Muitas coisas estranhas, diferentes na transição para o capitalismo surgiram em meu País. Para onde vai, difícil prever...

Importante é aprender a caminhar sozinho, ninguém deve ser forçado ao aprendizado, apenas convencido pela justeza e necessidade de que aquele é um caminho melhor

A Rússia mal teve tradição capitalista. Lênin inventou muitas coisas da cabeça sem uma experiência anterior capaz de transmitir segurança na orientação de novos caminhos. Mas, o que importa é o ensino

que vai ficar com os ventos da mudança. Comparar, aprender com a vida para saber verdadeiramente o que se quer e como deve ser. Importante é aprender a caminhar sozinho, ninguém deve ser forçado ao aprendizado, apenas convencido pela justeza e necessidade de que aquele é um caminho melhor. Nada como aprender levando tombos.

Painel Santa Cruz - O político russo mais famoso no Brasil é Mikhail Gorbachev, evocado pela grande mídia como um libertador e um democrata. Que impressão ele deixou para o povo russo?

Olga Kiun – Os russos o sentiam como grande demagogo. Falava três horas quando na verdade com poucas palavras se diria tudo. Ele caiu como presidente. Ele não foi vencedor. Algumas coisas boas foram deixadas, mas ele deve ter sofrido muitas pressões de outros países. O que ficou claro era o fato de ter sido mais inteligente que presidentes anteriores, seres humanos sem expressão, meros ocupantes de cargos.

Painel Santa Cruz - *Você chegou a conhecer lendas vivas como Emil Gilels, Sviatoslav Richter, Vladimir Horowitz e Vladimir Askenazy? Em que eles mais se destacavam quando tocavam?*

Olga Kiun – Conhecer uma leva de grandes intérpretes ensina a desenvolver o gosto pela execução. Ver a riqueza de tantos seres humanos que fizeram da música sua alegria e razão de existir. Há várias formas de prazer, de se sentir bem com a vida, com o cosmos que nos rodeia. Uma destas formas está na arte, exprimir as emoções, o sentimento humano, através da música, da pintura, do teatro, da literatura, da poesia. Para mim, tudo isso é uma coisa só. Uma frase na literatura é o mesmo que na música. Não se separam, aprimoram o ser humano. Fazem com que o homem seja mais homem, quero dizer, o homem somente é mais homem quando é mais inteligente. Este é o significado da arte, sermos mais humanos, mais inteligentes, enxergarmos mais o universo. Por isso, admiro estas figuras.

Sviatoslav Richter tocava de maneira intelectual, sabendo cada passo que dava. Emil Gilels era mais sentimental, grande virtuose, capaz de coisas extraordinárias ao piano. Vladimir Askenazy era o pianista perfeito, sem erro, irretocável. Vladimir Horowitz era de uma precisão técnica estonteante. Cada intérprete, uma lição.

Painel Santa Cruz - *Que sonhos você ainda acalenta e gostaria de ver realizados?*

Olga Kiun – Que a música erudita tome seu lugar nesse país tão lindo que aprendi a gostar naquilo que há de bom e ruim. Que as pessoas ricas banquem mais a cultura erudita com salas cheias e boa música executada para o povo conviver com uma diversidade cultura maior. Espero menos mediocridade, coisas ruins apresentadas como boas. Nesse sentido há uma desproporção muito grande.

Painel Santa Cruz - *Você acredita na humanidade, apesar das tantas barbaridades acontecidas? Que mensagem gostaria de manifestar?*

Olga Kiun – O ser humano é difícil. Não quero ser radical porque pode acontecer de tudo. O que posso deixar como mensagem é um pouco daquilo que sou. O gosto pela conversa franca e alegre, o gosto pelo mar, nadar, viajar e aprender. De certa forma ainda sou menina, como se ainda tivesse 10 anos. Meus alunos não são mais alunos, são amigos.

